

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ESTRATÉGIAS PARA UM ENSINO DE QUALIDADE

Theodor Lore da Conceição Almeida ¹
Yasmin Gabriela dos Santos ²
Maria da Conceição Rodrigues Martins ³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas de planejamento e de avaliação da aprendizagem realizada por professores, tendo em vista a melhoria contínua do ensino e a promoção de uma educação de qualidade e de alcance realístico. O trabalho em questão é elaborado diante reflexões do Curso de Iniciação à Docência, módulo II, realizado no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID) 2024/2026. A presente pesquisa tem enfoque qualitativa, buscando interpretar, de forma mais analítica e interpretativa, os enfoques referentes ao planejamento docente e à avaliação, assim demonstrando como a conexão entre os dois contribui para uma prática docente mais reflexiva e eficaz, garantindo uma aprendizagem significativa e inclusiva. Embasada em uma metodologia bibliográfica, a pesquisa busca em autores como Freitas, Braga, França, Sales (2011) uma elucidação sobre esta elaboração pedagógica e em autores como Hoffmann (2020) e Luckesi (2002, 2011) as abordagens dos desafios da avaliação qualitativa do ensino-aprendizagem. Da investigação, é esmiuçado as colaborações existentes para compreensão dos processos de ensino-aprendizagem, além de artifícios para elaboração de estratégias que englobem todo o ambiente de ensino, a fim de evidenciar que esses processos tidos muitas vezes como “sistemáticos” ou “tecnológicos” são, realisticamente, de natureza flexível, adaptativas e coerentes.

Palavras-chave: Planejamento, Avaliação, Aprendizagem, Estratégias.

INTRODUÇÃO

A educação de qualidade é uma preocupação recorrente no cenário contemporâneo, principalmente quando se trata das exigências sociais que prezam pela necessidade de uma performance altamente informativa do cidadão e da necessidade da formação do sujeito crítico e reflexivo como gênese para a conquista/luta pelos seus direitos. Pensando nisso, o planejamento pedagógico e a avaliação da aprendizagem são instrumentos indissociáveis à docência.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Piauí - UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB/UFPI, Piauí, lorenreill0@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Piauí - UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB/UFPI, Piauí, yasmin.santos@ufpi.edu.br;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI), E-mail: prof.con@ufpi.edu.br.



A historicidade da escola brasileira foi marcada fortemente por um ensino de práticas pedagógicas tradicionais – focando na transmissão de conteúdos e na realização de exames, para tanto o que é trago de herança é a compreensão da avaliação apenas como mecanismo de verificação e punição, ao mesmo tempo que o planejamento foi reduzido a um ato burocrático exigido pelas instituições.

Desde as últimas décadas do século XX há um movimento de mudança de concepções, no entanto. Autores como Freitas, Braga, França, Sales (2011), Hoffmann (2020) e Luckesi (2002, 2011) problematizam essa visão reducionista e sancionatória dos processos educativos e, intrinsecamente, pedagógicos. Defendendo, assim, tanto o planejamento como fazer político consciente, que necessita de reflexão, como uma avaliação diagnóstica, mediadora e formativa.

Desta forma, este artigo tem como objetivo discutir como o planejamento e a avaliação podem ser articulados como estratégias para o ensino de qualidade, destacando, então, a sua importância, os seus desafios e as possibilidades de inovação pedagógica. A metodologia aplicada é de cunho qualitativo e bibliográfico, tendo como base os autores já citados. A discussão está estruturada em quatro eixos principais para além da introdução: o referencial teórico, onde se discute as principais concepções de planejamento e avaliação à luz dos autores; posteriormente, a metodologia adotada, apresentando os procedimentos de análise e de organização; os resultados e discussões, que evidenciam as análises realizadas e, por fim, as considerações finais, que sintetizam os achados e apontam caminhos para uma prática docente transformadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prática docente da contemporaneidade reivindica reflexão constante sobre seus fazeres na escola, por isso o planejamento pedagógico e a avaliação da aprendizagem têm sido palco de debate no campo educacional nos últimos anos. Diante dessa discussão, a visão tradicional, pautada em práticas excludentes e classificatórias, abrem certo espaço, ao menos no campo teórico, para concepções que compreendem tais processos como dimensões pedagógicas e políticas, indissociáveis da prática docente. Nesse cenário, autores como Freitas, Braga, França e Sales (2011), Hoffmann (2020) e Luckesi (2002, 2011) destacam-se ao problematizar os limites de um planejamento tido como, simplesmente, burocracia e uma avaliação reducionista e sentenciosa, defendendo a



necessidade de repensar paradigmas em direção a uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipadora.

O planejamento, dentro desse debate teórico, é apontado por Freitas, Braga, França e Sales (2011) como instrumento de organização da vida docente ao que se apresenta como degrau fundamental na escalada do fazer coletivo dos professores. Ainda dentro do recorte trazemos a partir da visão dos autores, a percepção de que boa parte do corpo docente presente nas escolas, ainda se mantém distante de uma postura ativa e reflexiva, uma atitude pedagógica que reconheça de forma consciente a importância política do ato de planejar.

Quando os autores elucidam que o ato de planejar não é um ato neutro, mas uma situação de manutenção ou conversão do *status quo*, refere-se a toda uma estrutura social e capitalista que assegura que o lugar para onde a escola se encaminha é para porta de saída de todos aqueles que precisam entender, refletir e agir para que seus direitos sejam, de fato, consolidados.

Tendo essa visão sobre a relevância do planejamento para o desenvolvimento do trabalho docente, a realidade que nos deparamos nos mostra explicitamente uma dicotomia existente dentro das consciências individuais e práticas adotadas. Quando os autores citam os depoimentos que manifestam aversão aos planejamentos/semanas pedagógicas seguidos de falas que asseguram a necessidade do planejar tanto na sala de aula quanto na vida como um todo, entende-se uma imensa incongruência. A referida situação é costumeira, um quadro que se repete quando se trata da avaliação.

Integrando o processo de planejamento, a avaliação, segundo dizeres de Hoffman (2020), deve ser compreendida como um processo interativo, no qual professor e aluno constroem sentidos de forma conjunta. Entretanto, a própria autora explicita como o contato com uma grande massa de professores lhe faz ver que a concepção de avaliação é tida como ato penoso de julgamento de resultados.

A essa perspectiva, pode-se acrescentar ideias propostas por Luckesi (2002) para evidenciar tamanha divergência existente quanto teoria e prática. Ao passo que o autor deixa claro que a avaliação não é ato isolado e separado do fazer pedagógico, mas diagnóstica e inclusiva, evidencia como professores, professoras, escolas e sistemas de ensino dizem que estão praticando avaliação ao passo que, realisticamente, estão examinando seus alunos.

Para tanto, fundamentar tais concepções nesses referenciais implica assumir um compromisso ético, pedagógico e político. Significa legitimar um planejamento como



ação consciente, alinhada as demandas sociais e culturais dos sujeitos que buscam o mundo da escola. Atividades orientadas por objetivos que dialogam com a formação humana, integrada com possibilidades avaliativas que priorize o crescimento contínuo dos educandos e do próprio professor. Essa abordagem integral, como demonstram os autores, é o caminho para transformar a sala de aula em um espaço de indagações, diálogo, descobertas e de real construção de conhecimento.

Nessa perspectiva, a avaliação deve ser compreendida como diagnóstico e não como mecanismo de julgamento, como instrumento de pesquisa e de desenvolvimento. De acordo com Luckesi, “avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva; ao contrário, é diagnóstica e inclusiva” (Luckesi, 2002, p. 84). A compreensão desse entendimento reafirma que o processo avaliativo deve estar vinculado à promoção da aprendizagem, constituindo-se em instrumento de mediação pedagógica e não em sentença que delimita os destinos escolares dos alunos.

Tal concepção se assemelha da defesa de Hoffmann (2020) pela avaliação mediadora, na medida em que ambas sustentam a importância do acompanhamento contínuo do estudante, valorizando seus avanços e respeitando seus ritmos. Cabe, portanto, ao planejamento pedagógico garantir as condições necessárias para que esse processo avaliativo cumpra seu papel formativo, contribuindo para a ressignificação da prática docente.

METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, uma vez que busca compreender e interpretar as concepções teóricas e práticas relacionadas ao planejamento pedagógico e à avaliação da aprendizagem, a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva. Para fundamentar tal discussão, foram utilizados autores de referência no campo da didática e da avaliação educacional, como: Freitas, Braga, França, Sales (2011), Hoffmann (2020) e Luckesi (2002, 2011). Entendendo-se como o foco da pesquisa a análise dos aportes teóricos de forma a relacionar as contribuições conceituais com os desafios da prática docente e destacando, ainda, a necessidade de ressignificar processos de ensinar e avaliar.



O recorte referencial tem fundamento nas obras apresentadas no Módulo II – Planejamento de Ensino e Avaliação, componente integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-UFPI). A experiência possibilitou compreensão efetiva das ideias dos autores, favorecendo a construção de um olhar crítico sobre o planejamento e a avaliação no contexto escolar, ao passo que, ainda, fez-se perceber as contradições existentes entre teoria e prática nos processos didáticos e avaliativos, o que motivou e justificou a realização desta investigação.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador analisar, interpretar e relacionar conceitos e teorias em materiais já elaborados por outros estudiosos, possibilitando, de tal forma, a construção de novos olhares sobre a temática. Desse modo, a metodologia deste estudo consistiu em um levantamento teórico, na análise crítica dos aportes e na síntese reflexiva.

Por conseguinte, o estudo se caracteriza pelo carácter teórico-reflexivo, não se baseando na coleta de resultados experimentais, mas se dispondo de contribuições para a reflexão sobre as práticas educativas a partir de fundamentos já consolidados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura permite identificar que tanto o planejamento quanto a avaliação, enquanto concebidos em suas dimensões críticas e formativas, se configuram como instrumentos essenciais para a transformação da prática docente. Todavia, os mesmos são costumeiramente influenciados por representações sociais e modelos arraigados, que carecem de superação para que, assim, se alcance uma educação de qualidade.

Nota-se, diante do que é observado nos relatos dos autores e do que é nítido na nossa sociedade, que são muitos os professores que ainda planejam de forma desarticulada e que realizam avaliações que se limitam à verificação de resultados, sem considerar o processo de aprendizagem dos alunos.

Dessa maneira, o que se entende é uma necessidade de reorientação de práticas, onde se deve identificar as dificuldades do fazer pedagógico e garantir aprendizado consciente e consistente. Já que, seguindo tal rumo, o planejamento se evidenciaria enriquecedor e a avaliação deixaria de ser um instrumento de controle para ser uma estratégia pedagógica.



Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de romper com a concepção reducionista e punitiva de avaliação por parte do professor. Conforme aponta Luckesi (2002), é necessário romper com a visão positivista e classificatória da avaliação, fazendo-a ser substituída por uma perspectiva mediadora, reflexiva e formativa. Assim, se implica reconhecer o erro como parte do processo de aprendizagem e valorizar o diálogo como ferramenta de construção do conhecimento.

No que se refere ao ensino de qualidade, a compreensão da necessidade de articulação entre planejamento e avaliação favorece as práticas inclusivas, desde que possibilita acompanhar o desenvolvimento individual dos estudantes, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem. A qualidade educacional, nesse contexto, não se reduz nem traduz em notas, em resultados que podem ser contabilizados, mas envolve todo o conhecimento do ser estudante e da sua aprendizagem efetiva e formação integral.

Hoffmann (2020) reforça, semelhantemente aos outros autores, essa perspectiva ao destacar a avaliação mediadora, entendida como prática dialógica e interativa. Na análise de suas contribuições é mostrado que avaliar significa acompanhar o estudante em seus avanços e dificuldades, criando as condições para haja o desenvolvimento da autonomia, distanciando das práticas avaliativas que valorizem o julgamento de resultados.

A prática avaliativa concebida como julgamento de resultados baseia-se na autoridade e no respeito unilaterais - do professor. Impõem-se ao aluno imperativos categóricos que limitam o desenvolvimento de sua autonomia moral e intelectual. (Hoffmann, 2020, p. 29).

Esse olhar mediador exige que o professor adote uma postura reflexiva e aberta à reconstrução constante do planejamento, transformando a sala de aula em espaço de diálogo e aprendizagem significativa. Apegando-se, dessa maneira, a uma reciprocidade na ação educativa.

De forma condizente, Luckesi (2011) traz sua contribuição ao denunciar os limites da avaliação classificatória, que reduz o processo educativo a notas e conceitos. Destacando, ainda, que a avaliação faz uma ponte com a forma como compreendemos a ciência, podendo ser interpretado dentro do contexto escolar como a compreensão do estágio de aprendizagem do aluno. Ao se articular planejamento e avaliação em uma perspectiva crítica, se demonstra que a prática docente pode ser ressignificada, passando de um modelo excludente para um modelo emancipador. Passando a ser instrumento de regulação da aprendizagem e servindo de orientação para ação docente, integrando mais



a temática do trabalho: serviria como alicerce de planejamento e, portanto, de construção de uma sociedade mais crítica e autônoma.

A discussão evidencia, por conseguinte, que os autores mobilizados neste estudo destinam forças à defesa de um planejamento político e reflexivo, que é articulado a uma avaliação formativa e mediadora, ao passo que compreende a avaliação como não tida para ter fim em si mesma, mas como processo formador. Os resultados obtidos a partir dessa revisão teórica permitem confirmar que a transformação da prática docente depende da superação de paradigmas cristalizados, demandando a abertura ao diálogo, do compromisso com a inclusão e da disposição para ressignificar os processos pedagógicos. Dessa forma, planejar e avaliar deixam de ser atividades isoladas ou meramente burocráticas, assumindo o papel de práticas e estratégias indissociáveis e fundamentais para a qualidade educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou a reflexão acerca da relevância do planejamento pedagógico e da avaliação da aprendizagem como dimensões indissociáveis da prática docente. A análise dos aportes teóricos aqui abordados demonstra que, quando concebidos de forma reducionista e senteciva, tais processos acabam por se tornar instrumentos de exclusão, reforçando desigualdades e esvaziando o sentido da educação. Entretanto, quando são ressignificados em uma perspectiva crítica, formativa e mediadora, revelam-se como práticas fundamentais para a promoção da aprendizagem e para a construção de uma escola comprometida com a inclusão e a emancipação dos sujeitos.

A partir das contribuições de autores como Freitas, Braga, França e Sales (2011), Hoffmann (2020) e Luckesi (2002; 2011), é possível se abrir um universo de compreensões que sintetizam que o ato de planejar e de avaliar não são simplesmente burocracias requeridas pelo sistema, mas atos políticos e reflexivos, que exigem do professor uma constante revisão e, a sempre presente, abertura ao diálogo. As reflexões destacam ainda que a articulação entre o planejamento e a avaliação são condições substanciais para a transformação da ação pedagógica, uma vez que ambos se retroalimentam e se complementam no processo educativo.

Finda-se, portanto, que a mudança da prática docente requer não apenas novas metodologias ou estratégias, mas principalmente uma nova postura diante do ensinar e do



aprender. É preciso repensar o planejamento e a avaliação, significando-os e assumindo o compromisso para com uma educação de qualidade social, pautada na justiça, na inclusão e na valorização do processo formativo. Nesse sentido, espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para fortalecer práticas pedagógicas mais críticas, dialógicas e transformadoras, reafirmando a escola como espaço de formação integral e cidadã.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa mais sincera gratidão ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que foi indispensável tanto no suporte financeiro quanto pela base formativa que tornou não só possível a realização desta pesquisa, como nos fez conceber a curiosidade e necessidade de estudar sobre assuntos tão atuais e que requerem tanta mudança. A experiência vivenciada no programa é fundamental para a consolidação dos pressupostos teóricos e práticos que embasam este trabalho.

Temos muito a agradecer, idem, à professora orientadora Dr^a Maria da Conceição Rodrigues Martins pelos apontamentos, orientações e debates que enriquecem o presente estudo e nos enriquece como futuros docentes que sempre carregarão a potencialidade que é ser visto e valorizado por aqueles a qual tomamos como referência.

Por fim, manifestamos, ainda o apreço aos organizadores do Congresso Nacional de Educação (CONEDU) pela oportunidade de compartilhar e divulgar esta produção acadêmica, contribuindo para o diálogo e a disseminação de conhecimento no campo da educação.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, dez. 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2020.

